

## **Diário em progresso – Alex Frechette**

Se é verdade que a arte de maior interesse, de maior impacto e de maior poder de transformação nos dias de hoje (não mais *o contemporâneo*, já um conceito capturado; mas o dia-a-dia, os dias de hoje: hoje) é aquela que, deslocado o ponto de apoio do eixo estético (já feito), e também do filosófico (feito), aproxima suas produções da política (no sentido mais potente do termo – aproximações de fios desencapados), então encontramos em Alex Frechette uma das possíveis personificações ideais de quem seria esse produtor de energia urbana, esse artista. Acompanhando de perto, poderíamos dizer ao *rés-do-chão* (onde frequentemente, assim como em muros, becos e escadarias, deposita ou exhibe suas obras) as turbulências políticas e sociais que caracterizam o Rio de Janeiro nessa segunda década do milênio, Frechette tem se destacado pela incansável militância artística, que surpreende positivamente e alcança resultados inesperados com sua intensidade, diversidade e insistência. São os famosos diários, que acompanham em textos e desenhos as manifestações de junho 2013, combatem a xenofobia com xilogravuras nordestinas, cimentam artigos da Constituição nos muros da cidade, fazem releituras críticas de pinturas e imagens conhecidas da indústria cultural; são pratos, vídeos, vitrais, painéis, santos... tudo que estiver a mão, a vista, passível de ser resignificado. Nesse *Diário para descolorir*, ironizando ao mesmo tempo a moda coxinha dos livros de colorir para adultos e dos tolos best-sellers pseudo-transgressores, que podem ser facilmente encontrados nas mesas de entrada das melhores livrarias de Ipanema, Alex Frechette retrata a violência e a injustiça desse país em desenhos para serem “descoloridos com variados tons de cinza”. Depois da feliz parceria em *Diário em progresso*, é novamente uma honra para a Circuito contar com esse artista tão produtivo em sua tarefa de não deixar o grito da revolta ser abafado.

Renato Rezende – editor